BARBANTE

Revista Literária
ISSN 2238 -1414 – 13 anos
Volume XIII – Núm. 132 – 06 de dezembro de 2025



Imagem: William Marshall Craig

POEMAS

NADA
Artur José Carreira
PÁGINA 43

QUANDO A GIGANTE FLORESCE: BIOLOGIA, CULTURA E DESLUMBRAMENTO NA FLORAÇÃO DA PALMEIRA-TALIPOT

Elidiomar Ribeiro Da-Silva[1]

Resumo – A palmeira-talipot (*Corypha umbraculifera*), atualmente em floração rara no Rio de Janeiro, combina um ciclo de vida monocárpico excepcional com relevância histórica e cultural no sul da Ásia. Suas inflorescências monumentais, seu uso tradicional em manuscritos e a dramaticidade de sua morte após frutificar fornecem matéria para reflexões botânicas, etnográficas e simbólicas. Embora haja documentação sólida sobre sua biologia e materialidade, interpretações ritualizadas sobre sua morte carecem de etnografias diretas. Como espetáculo de grande impacto visual e emocional, a talipot constitui um caso exemplar para estudos de biofilia, educação ambiental e relações entre natureza, memória e imaginação.

Palavras-chave: biofilia; etnobotânica; manuscritos tradicionais; monocarpia.

Resumen – CUANDO LA GIGANTE FLORECE: BIOLOGÍA, CULTURA Y DESLUMBRE EN LA FLORACIÓN DE LA PALMERA TALIPOT. La palmera talipot (*Corypha umbraculifera*), actualmente en floración rara en Río de Janeiro, combina un ciclo de vida monocárpico excepcional con una importante trayectoria histórica y cultural en el sur de Asia. Sus inflorescencias monumentales, el uso tradicional de sus hojas en manuscritos y la muerte posterior a la fructificación permiten reflexiones botánicas, etnográficas y simbólicas. Aunque su biología y materialidad están bien documentadas, las interpretaciones ritualizadas sobre su muerte carecen de respaldo etnográfico directo. Como espectáculo de fuerte impacto visual y emocional, el talipot es un ejemplo privilegiado para estudios de biofilia, educación ambiental y vínculos entre naturaleza y memoria.

Palabras clave: biofilia; etnobotânica; manuscritos en hoja de palma; monocarpia.

Abstract – WHEN THE GIANT BLOOMS: BIOLOGY, CULTURE AND AWE IN THE FLOWERING OF THE TALIPOT PALM. The talipot palm (*Corypha umbraculifera*), now undergoing a rare flowering event in Rio de Janeiro, combines an extraordinary monocarpic life cycle with significant historical and cultural relevance in South Asia. Its monumental inflorescences, the traditional use of its leaves in manuscripts, and the dramatic post-fruiting death invite botanical, ethnographic, and symbolic interpretations. While its biology and material uses are well documented, ritualized readings of its death lack direct ethnographic evidence. As a visually and emotionally striking natural event, the talipot provides a compelling case for studies on biophilia, environmental education, and the intersections between nature, memory, and cultural imagination.

Keywords: biophilia; ethnobotany; monocarpy; palm-leaf manuscripts..

O Aterro do Flamengo é um parque paisagístico que liga o Centro à Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, tendo sido projetado pelo célebre paisagista Roberto Burle Marx, que visou criar no local um verdadeiro laboratório botânico. Das mais de 350 espécies de vegetais presentes no parque, dentre exóticas e nativas, uma em especial está chamando a atenção de quem passa por ali neste final de 2025. Aliás, não só ali, mas também no Jardim Botânico, outro querido recanto visual dos cariocas, exemplares de uma espécie de palmeira estão nos brindando com um espetáculo em forma de floração amarela.

As inflorescências de algumas palmeiras parecem comemorar o aniversário de 60 anos do Parque do Flamengo, inaugurado em outubro de 1965 (GANDRA, 2025). *Corypha umbraculifera* L. (Figura 1), conhecida como talipot ou palmeira-talipot, é uma das mais imponentes representantes da família Arecaceae. Pertencente à subfamília Coryphoideae e à tribo Corypheae, destaca-se pelo porte monumental, pelas grandes

1 Doutor em Ciências Biológicas (Zoologia) pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professor e pesquisador dos cursos de graduação em Ciências Biológicas do Instituto de Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. E-mail: elidiomar.silva@unirio.br. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5241943666178242.

folhas palmadas e pelo extraordinário ciclo de vida monocárpico, que é típico do gênero *Corypha* L.: cresce silenciosamente por décadas, floresce uma única vez e morre logo após frutificar. Como registram Dransfield *et al*. (2008), trata-se de um dos mais espetaculares eventos reprodutivos entre as palmeiras, com inflorescências gigantescas e a morte subsequente da planta. A inflorescência ramificada chega a medir cerca de 6 a 8 metros e abriga vastas populações de flores diminutas (ROYAL BOTANIC GARDENS KEW, 2024).



Figura 1. Exemplares de palmeira-talipot do Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro, RJ. Fotos de Elidiomar Ribeiro da Silva.

Distribuição, ecologia e cultivo

A espécie é tradicionalmente reconhecida como nativa do sul da Índia e do Sri Lanka (BECCARI, 1931; DRANSFIELD *et al*., 2008), ocorrendo em zonas tropicais úmidas, desde planícies costeiras até formações de floresta aberta ou áreas de transição. Por suas exigências ambientais – solo profundo, boa drenagem, luminosidade e amplo espaço lateral – a talipot prospera em coleções botânicas e parques, sendo pouco adequada para jardins residenciais de pequena escala (ROYAL BOTANIC GARDENS KEW, 2024). Seu cultivo foi historicamente estendido a outras áreas do Sudeste Asiático e, em tempos modernos, a jardins botânicos e coleções exóticas no Pacífico e em regiões tropicais de outros continentes (CORNER, 1966).

Usos tradicionais e documentação material

Entre os usos tradicionalmente documentados para folhas de palmeira no sul da Ásia, sobressai o emprego como suporte de escrita, os chamados manuscritos em folhas de palmeira (*palm-leaf manuscripts*). Catálogos de coleções e centros de conservação de manuscritos atestam que folhas de palmeira tratadas foram extensivamente usadas para registrar textos religiosos, literários e jurídicos em Sri Lanka, no sul da Índia e no Sudeste Asiático (GUY, 1982). Porém, deve-se realçar que as folhas empregadas nos manuscritos provinham de diferentes espécies de palmeira conforme disponibilidade local; embora a talipot figure entre as palmeiras

historicamente utilizadas em algumas regiões, não há evidência inequívoca de que ela tenha sido a única ou sempre a principal espécie empregada para esse fim. Além do uso como suporte de escrita, as fibras e pecíolos de palmeiras em geral são aproveitadas para cordoaria, esteiras, cobertura (*thatching*) e utensílios; relatos etnobotânicos e manuais de cultivo mencionam usos utilitários similares quando a espécie está disponível localmente (CORNER, 1966; DRANSFIELD *et al*., 2008).

Dimensão cultural e leituras simbólicas

A talipot pode ocupar um campo fértil para interpretações simbólicas por dois motivos convergentes: sua morfologia e ciclo de vida (escala, floração única, morte subsequente) fornecem matéria-prima biológica para metáforas sobre tempo, sacrifício e renovação; a materialidade das folhas como suporte de memória (manuscritos) conecta a planta à história do registro cultural. Autores que trabalham com história material e manuscritos apontam o papel das folhas de palmeira na preservação de textos sagrados e profanos no sul da Ásia, o que legitima leituras que associam a palmeira ao armazenamento e transmissão da memória coletiva (*cf.* GUY, 1982).

No entanto, é preciso explicitar a lacuna etnográfica: aparentemente não existe, até onde permite a literatura disponível e as fontes consultadas neste trabalho, um *corpus* consistente de etnografias que afirme textualmente e de modo generalizável que comunidades inteiras – em Sri Lanka ou outras regiões – interpretaram especificamente a morte da talipot após a floração como um símbolo padronizado e unívoco de "completude da vida" ou conceitos afins, como poder-se-ia poeticamente supor. Há menções de usos cerimoniais de folhas de palmeira e de metáforas religiosas sobre impermanência em fontes religiosas e patrimoniais, de modo que uma leitura simbólica que associe monocarpia a um tipo de "canto do cisne" biológico seria plausível e heurística – mas isso deve ser apresentado como interpretação fundada em convergência de evidências e não como fato etnográfico universal (*cf.* GUY, 1982; DRANSFIELD *et al*., 2008).

Biofilia: a talipot como possível catalisador de experiências humanas com o vivo

O termo biofilia – a tendência humana de estabelecer vínculos afetivos e cognitivos com outros seres vivos e com processos ecológicos – foi formalizado por E. O. Wilson (1984) e ampliado por Stephen R. Kellert e colaboradores no campo da psicologia ambiental e do design (WILSON, 1984; KELLERT; WILSON, 1993). A literatura sobre emoções evocadas por paisagens e por objetos naturais de grande escala identifica a experiência de um certo deslumbramento como reação frequente frente a estímulos grandiosos e inesperados na natureza, com efeitos psicológicos e sociais mensuráveis (KELTNER; HAIDT, 2003; KAPLAN; KAPLAN, 1989).

A talipot pode conjugar fatores que, segundo a teoria da biofilia, potencializam ligações humanas significativas com o vivo: escala (folhas e inflorescências monumentais que provocam assombro), tempo (um ciclo de vida que excede o horizonte de uma vida humana e convida à meditação sobre continuidade), materialidade cultural (uso das folhas para escrita e rituais) e drama (a floração única seguida de morte). Por isso, descrevê-la como um exemplo paradigmaticamente potente de experiências biofílicas, e não apenas de prazer estético ou visual, é uma interpretação teoricamente sustentada e heurística para estudos de paisagismo, educação ambiental e história cultural (*cf.* WILSON, 1984; KELLERT; WILSON, 1993; KELTNER; HAIDT, 2003). Importa, porém, distinguir interpretação teórica de evidência empírica focal: se bem fundamentada, a argumentação que vincula talipot e biofilia indica caminhos de investigação – pesquisas de campo sobre percepções locais, estudos de recepção pública em paisagismo urbano e análises sobre memória material – e oferece uma base conceitual para o uso educativo e artístico da espécie em espaços coletivos.

Considerações finais

A palmeira *Corypha umbraculifera* conjuga uma biologia de grande impacto visual e ecológico com um enredamento material na história cultural do sul e sudeste da Ásia. As demonstrações botânicas sobre seu ciclo de vida e porte são robustas e consensuais (DRANSFIELD *et al*., 2008; ROYAL BOTANIC GARDENS KEW, 2024). A história material das folhas de palmeira como suporte de manuscritos e elemento utilitário/cerimonial está bem documentada em catálogos e coleções (GUY, 1982). Contudo, afirmações etnográficas específicas acerca de leituras ritualizadas da morte da talipot exigem prudência: a evidência disponível permite formular interpretações plausíveis e produtivas, mas não autoriza generalizações sem investigações etnográficas primárias adicionais.

O fato é que essa palmeira impressiona, sobretudo, como espetáculo visual, no caso específico de sua floração. O evento ora em curso no Rio de Janeiro atrai curiosos e admiradores, que têm procurado as palmeiras para contemplá-las não só pela beleza em si, mas também pela raridade geracional do fenômeno. Afinal, quem perder agora, sabe-se lá quando terá outra oportunidade. O que constitui uma potente possibilidade de se promover a sensibilização para questões ambientais.

Assim, a talipot permanece um caso de estudo fértil tanto para a botânica quanto para a história cultural e a teoria da biofilia, servindo como lembrete de que a intersecção entre organismos e sentidos humanos funciona por meio de fatos verificáveis, tradições locais múltiplas e leituras interpretativas que devem ser claramente demarcadas. Unindo rigor botânico, história material e camadas culturais, *Corypha umbraculifera* pode ocupar um lugar singular na relação entre plantas e sociedades humanas. Assim, a espécie ilustra como uma planta pode atravessar campos da ciência e da imaginação sem reduzir a importância de qualquer dessas dimensões.

Referências

BECCARI, Odoardo. Vol. 13: Asiatic palms – Corypheae. **Annals of the Royal Botanic Garden**, Peradeniya, v. 11, p. vii + 356, plates v + 102, 1931.

CORNER, Edred J. H. **The natural history of palms**. Londres: Weidenfeld & Nicholson, 1966.

DRANSFIELD, J.; UHL, N. W.; ASHFORD, M. *et al*. **Genera Palmarum: The evolution and classification of palms**. Kew: Royal Botanic Gardens, 2008.

GANDRA, Alana. Meio Ambiente. Palmeiras raras florescem no Parque do Flamengo após 60 anos. Espécie só dá flores uma vez na vida e morre em cerca de um ano. **Agência Brasil**. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/meio-ambiente/noticia/2025-11/palmeiras-florescem-no-parque-do-flamengo-apos-60-anos-de-vida. 2025. Acesso em: 05 dez. 2025.

GUY, John (ed.). **Palm-leaf and paper: Illustrated manuscripts of India and Southeast Asia**. Melbourne: National Gallery of Victoria, 1982.

KAPLAN, R.; KAPLAN, S. **The experience of nature: A psychological perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

KELLERT, S.R.; WILSON, E.O. (Orgs.). **The biophilia hypothesis**. Washington: Island Press, 1993.

KELTNER, D.; HAIDT, J. Approaching awe, a moral, spiritual, and aesthetic emotion. **Cognition & Emotion**, v. 17, n. 2, p. 297–314, 2003.

ROYAL BOTANIC GARDENS KEW. **Plants of the World Online: *Corypha umbraculifera* L.** Disponível em: https://powo.science.kew.org/taxon/666347-1. 2024. Acesso em: 03 dez. 2025.

WILSON, E.O. **Biophilia**. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

Sobre o autor: Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre e doutor em Ciências Biológicas (modalidade Zoologia) pelo Museu Nacional/UFRJ. Professor e pesquisador do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), é responsável pelo Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, onde desenvolve projetos de pesquisa e extensão relacionados à zoologia cultural. É criador e organizador do *Colóquio de Zoologia Cultural* e da *Mostra de Biologia Cultural*, editor-adjunto da revista *A Bruxa*, editor do zine *Homem-Leoa*. Além de zoólogo por profissão, é desenhista, contista, cronista, cordelista, haicaísta, poeta, zineiro e flamenguista amador. E, sim, foi ver a talipot, como não?



Expediente

Revista Barbante
Vol. XIII - Nº 132 - 06 de dezembro de 2025
ISSN 2238-1414
Periodicidade: Semanal

13 anos da revista Barbante

Editora-chefe

Rosângela Trajano da Silva

Editora-adjunta

Janiara de Lima Medeiros

Revisão
Dos autores

Conselho editorial

Maria Reilta Dantas Cirino

Shirlene Santos Mafra Medeiros

Maria Emília Monteiro Porto

Webmaster/Webdesigner
Danda Trajano

Ilustrações
William Marshall Craig

Autor corporativo

Rosângela Trajano

Natal – Rio Grande do Norte

******

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.